

Reacções favoráveis ao discurso proferido pela primeiro-ministro

O representante permanente da UNESCO junto das Nações Unidas, ao felicitar Maria de Lurdes Pintasilgo pelo discurso que dirigiu à Assembleia Geral das Nações Unidas, informou-a de que um grupo de países africanos estava interessado em elaborar um projecto de resolução, baseado no texto da intervenção do primeiro-ministro português, que gostaria de apresentar conjuntamente com Portugal, relativamente à dimensão cultural do desenvolvimento, a ser votado ainda no decorrer da 34.ª sessão da Assembleia Geral da ONU.

Esta foi e não de pequena importância, a primeira consequência directa do discurso de Maria de Lurdes Pintasilgo. É significativo, porque clarificador de toda uma linha de actuação e de interesses, que tenham sido os representantes da UNESCO de alguns países africanos os primeiros a reagir concretamente ao texto lançado pelo primeiro-ministro de Portugal ao plenário das Nações Unidas, com vista a transformação da ordem económica e social internacional numa nova ordem cultural.

Mas não foram apenas países do Terceiro Mundo a reagir tão calorosamente à intervenção de Lurdes Pintasilgo, embora seja imprescindível relevar aqui o comentário extremamente favorável do ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Com Celso, Joaquim Chissano, declarando: «Foi o melhor discurso por aqui depois do 25 de Abril.»

Mas, como dizíamos, não foram apenas os países do Terceiro Mundo a felicitar vivamente Maria de Lurdes Pintasilgo; também o bloco ocidental, nomeadamente a França e a Alemanha Federal se encontravam entre os cerca de 150 delegados (embaixadores ou primeiros ministros) que desfilaram para cumprimentar o chefe do Executivo português.

Esta identificação de posições face ao discurso das Nações Unidas constitui uma demonstração evidente da tese defendida pelo embaixador Futscher Pereira durante o encontro informal que se efectuou entre o primeiro-ministro e os jornalistas portugueses presentes em Nova Iorque. Disse o embaixador Futscher Pereira: «Quanto mais nos afirmamos como europeus aos olhos do Terceiro Mundo, mais enriquecemos a Europa, mais nos enriquecemos aos olhos da Europa e mais nos enriquecemos aos olhos do Terceiro Mundo. Porque só poderemos ser honestos com o Terceiro Mundo como interlocutor válido, na medida em que o Terceiro Mundo tenha consciência de que a Europa olha para nós com confiança. A nossa opção europeia é importante, na medida em que reforça a nossa autoridade junto do Terceiro Mundo.» E prosseguiu: «Somos europeus, mas reivindicamos, dentro da Europa, essa posição independente que a Europa, na sua diversificação, efectivamente consente.»

Sobre o nosso tão proclamado

papel de charneira entre a Europa e o Terceiro Mundo. Futscher Pereira comentou: «Charneira, sim, mas com uma posição bem definida, ou seja, somos charneira mas temos de estar agarrados a uma força. E eu sempre parti do princípio, ao longo destes anos, de que essa força é a nossa opção europeia. Opção que em nada diminuiu, antes pelo contrário, só veio aumentar a nossa capacidade de diálogo com os países do Terceiro Mundo.»

A este propósito, Maria de Lurdes Pintasilgo fez, para os jornalistas, (e foi saudavelmente informal a maneira como, naqueles minutos, as nossas posições se inverteram), o relato da recepção oferecida pelo secretário-geral da ONU, durante a qual Kurt Waldheim dirigiu uma saudação muito colorosa ao chefe da missão diplomática portuguesa junto das Nações Unidas, na presença dos responsáveis dos grandes órgãos da ONU, dos presidentes dos grandes grupos regionais (OUA, OEA, América Latina, África, Ásia, Europa Ocidental e Europa de Leste) e, ainda, do presidente da Assembleia Geral e dos secretários-gerais-adjuntos.

Um elogio deste género, comentou Lurdes Pintasilgo, é absolutamente invulgar e só pode ter um significado: o reconhecimento público da actuação geral que goza o embaixador Futscher Pereira junto de todos os seus colegas da ONU, junto de todos os círculos e junto de todos os grupos geo-políticos. «Em resumo», disse, o embaixador Futscher Pereira representa efectivamente o papel de charneira entre os vários grupos presentes na ONU.»

Uma diplomacia agressiva

No decorrer do seu encontro com os jornalistas, na residência do embaixador Futscher Pereira, onde ficou instalada durante a sua permanência em Nova Iorque, a chefe do Executivo português defendeu a prática de uma política externa agressiva, no sentido anglo-saxónico da palavra, abandonando hábitos de «jogar a defesas».

Deverão, por isso, creio, inscrever-se nesta nova tónica os encontros que o nosso ministro dos Negócios Estrangeiros manteve com Joaquim Chissano e as conversações que Maria de Lurdes Pintasilgo efectuou com Graca Amorim, a ministra dos Negócios Estrangeiros de S. Tomé, e com Ramiro Saratya Guerreiro, ministro das Relações Exteriores do Brasil.

Creemos que o balanço desta visita do primeiro-ministro de Portugal às Nações Unidas se pode muito justamente fazer em termos de vitória diplomática, embora tenha sido largamente prejudicada, numa perspectiva de impacto e acolhimento junto dos grandes órgãos de Comunicação Social e, até, em função das presenças na Assembleia Geral da ONU, pela simultaneidade da visita do Papa e dos gigantes preparativos que essa visita implica a todos os níveis.

O resultado, porém, pode ser considerado francamente positivo. E é fácil prever que os melhores resultados desta ofensiva diplomática portuguesa serão colhidos a médio prazo e terão reflexos particulares no campo das relações com os países africanos de língua portuguesa.

A terminar esta crónica, quero deixar uma palavra de louvor para a sempre pronta colaboração que os jornalistas portugueses receberam de toda a missão portuguesa junto das Nações Unidas, nomeadamente do embaixador Futscher, do conselheiro Fernando Andresen Guimarães e do conselheiro cultural junto da embaixada em Washington, Luís de Sousa, que se instalou em Nova Iorque para dar apoio — e fê-lo exemplarmente — aos enviados especiais dos embaixadores portugueses.

Um improviso brilhante num jantar de circunstância

Como referi brevemente na crónica de ontem, Maria de Lurdes Pintasilgo foi a convidada de honra de um jantar promovido pela recém-criada Câmara de Comércio Luso-Americana, a que compareceram mais de trezentas pessoas, nomeadamente altos funcionários da Administração americana e elementos destacados dos meios financeiro, económico e político; saudada por Domenico Scaglione, presidente da Câmara de Comércio, que lhe traçou o perfil profissional, político e humano, Maria de Lurdes Pintasilgo respondeu num improviso brilhante de humor, de comunicabilidade e «finesse». Falando num excelente inglês, fácil e fluido, o primeiro-ministro soube retirar do seu improviso todo o peso do discurso oficial, para deixar apenas o diálogo de quem procura estabelecer contactos e entendimento. Como ela própria começou por dizer, «não vou falar do Governo que represento, mas do povo a que pertence». E falou, dos portugueses espalhados em diáspora pelo Mundo, do Presidente que, numa situação de governos sucessivos tem sido o garante da estabilidade; do grande sector público e da sua emperrada máquina administrativa; do sector privado e das condições criadas ao seu desenvolvimento.

O improviso do primeiro-ministro foi aplaudido de pé e entusiasmaticamente.

Helena Marques